

O ARCHEOLOGO PORTUGUES

COLLECCAO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. V

1899-1900

N.º 4

O calix de ouro do mosteiro de Alcobaça

(Continuação)

A canonização de Santo André Avellino foi celebrada em Lisboa pelos clérigos regulares theatinos ou *caetanos*, a cuja ordem pertencêra, com um solemníssimo oitavario, de 29 de Julho a 5 de Agosto de 1713. Em harmonia com o gôsto do tempo e as tendencias academicas e eruditas da congregação, entenderam aquelles religiosos completar as suas manifestações de applauso, fazendo preceder nesse anno a festa do novo santo (a 10 de Novembro) de um certamen litterario, que durou dois dias, e em que foram juizes o conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes) e os marquezes de Fronteira e Alegrete¹.

Um dos assuntos designados era a interpretação de umas lettras esmaltadas no calix de ouro do mosteiro de Alcobaça, as quaes o padre

¹ O programma está impresso:—*Certame sacro em obsequio de Santo André Avellino, clérigo regular, canonizado aos 22 de Mayo de 1712.*—Lisboa, na Officina Real Deslandesiana; 1713; fl. de 8 pag. in-4.º

São interessantes, porque descrevem minuciosamente as decorações dos locaes das festas, os seguintes folhetos de *un español matritense*:—*Noticia individual del sagrado culto, con que la devocion desta Corte de Lisboa celebrò en un Octavario de solemnes fiestas la canonizacion del gloriosissimo S. Andres Avelino, de los Clerigos Regulares Teatinos, en su Iglesia de nuestra Señora de la Divina Providencia, con la descripcion de su magnifico adorno.*—Lisboa, Imprenta Real Deslandesiana; 1713; fl. de 32 pag. in-4.º

—*Breve noticia del certamen sacro-poetico com que previnieron los Clerigos Regulares Teatinos de la Divina Providencia de esta gran Corte de Lisboa el dia natalicio del gloriosissimo S. Andres Avelino en aplauso de su canonizacion.*—Lisboa, Imprenta de Miguel Manescal; 1714; fl. de 12 pag. in-4.º

D. Raphael Bluteau copiára, e se propunha decifrar. Alem do erudito e benemerito autor do *Vocabulario Portuguez e Latino*, entrou na lide o padre D. Manoel Caetano de Sousa, director da Academia Real da Historia.

A dissertação de Bluteau está impressa nas suas *Prosas Portuguezas, recitadas em diferentes Congressos Academicos*¹, e intitula-se: — «*Prosa enigmatica, interpretativa. Dissertação literaria, cabalistica, e moral, sobre o sentido de cento e trinta e sete letras, esmaltadas na circunferencia do pé, e garganta de hum antiquissimo Calix de ouro do Real Mosteiro de Alcobça. Recitada em Lisboa, na Casa dos Clerigos Regulares, estando presente El Rey de Portugal, que Deos guarde, Dom João quinto, em occasião de hum Certamen Sacro-Poetico, celebrado na dita Casa, no dia 19^o. de Novembro de 1713. em applauso da canonização de Santo André Avellino, Clerigo Regular*».

Bluteau interpreta assim as mysteriosas letras do calix:

*«Hic est calix sanguinis mei,
Novi et eterni testamenti,
Qui pro vobis et pro multis
Effundetur.*

*Joakim Kludphik fedi, Boldvk,
A. Dom. Mil. C. LXXXVII.»*

Não entram nestas palavras as 137 letras que figuravam no programma do certamen. Bluteau opina que as restantes não tem sentido, havendo sido introduzidas na inscripção unicamente para difficultrar a intelligencia das outras, em harmonia com os preceitos da steganographia. Quanto a umas letras de menor corpo, que não copiára, e que, depois de publicado o certamen, Fr. Manoel dos Santos, o autor da *Alcobça illustrada*, descobrira, e notificára, como veremos, a D. Manoel Caetano de Sousa, — julga Bluteau formarem sentido independente, não se considerando, alem d'isso, obrigado a explicá-las por não fazer menção d'ellas o programma.

Kludphik, o supposto ourives, seria flamengo ou allemão.

Em seguida³, publica Bluteau outra explicação das letras, que declara ter-lhe sido enviada por *um curioso anonymo*. Este imaginoso

¹ Parte 1, pag. 363 sqq

² Aliás, 9.

³ A pag. 391 sqq.

decifrador, tomando cada letra como inicial de uma palavra, interpreta d'este modo as da base do calix:

«1190. Kalendas Octobris initium domus Alcobaciae 1191. factus fuit hic Calix ex feudo Domini Regis Alphonsi Beatae Mariae Virginis Ordinis Cisterciensis posita in Gallia in Diocesi Lingoniensi verè Patrona nostra, & Regni nostri liberans illud Sarracenorum; & erat vir Abbas Bernardus jussit illum hagere in servitium B. M. semper Virginis, & in obsequium Regis, qui dedit per tributum quinquaginta morabitinos, tunc Gallia, nunc nostro Monasterio, sub tutela talis Virginis novè erecti brachio suo, tale tributum, tale feudum, illi applicatum, ut laudemus talem Virginem, & oremus per illum instanter vigiliis, & orationibus: vivat in aeternum. Hoc habet hic Calix».

As do nó são assim explicadas:

«Hieronymus Joachim Operator Domini Regis fecit Calicem hunc Kalendas Octobris ex jussu Bernardi Abbatis Gubernatoris Monasterii Alcobaciae novè erecti invocationis Sanctae Mariae Virginis verè initiati nostro tempore».

Esta memoria não foi, segundo parece, lida no certamen, porque não se refere a ella, na sua descripção d'essa festa academico-religiosa, o alludido *español matritense*.

A de D. Manoel Caetano de Sousa não se imprimiu. Citam-na Barbosa Machado, na sua monumental *Bibliotheca Lusitana*¹, e o conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, no catalogo que publicou das obras do erudito theatino, sob o titulo de *Bibliotheca Sousana*². Ahi, diz o conde:— «Achou-se depois a verdadeira explicação d'estas letras, que, com o mais que se compoz sobre este assumpto, deve unir-se, quando se imprimir esta dissertação³.» O *español matritense*, autor dos folhetos que citei, dá a entender que havia ideia de publicar um livro do certamen, em que a memoria de D. Manoel Caetano de Sousa sem dúvida entraria. O proprio autor, numa das cartas que constituem a parte principal d'este trabalho, allude ao pensamento de a imprimir. Nem isoladamente, porém, nem com as outras composições premiadas, nem em vida do autor nem depois da sua morte, se publicou a memoria de Sousa. Não se perdeu, todavia. Existem d'ella dois exem-

¹ Tomo III, pag. 207.

² Pag. 71.

³ Ignoro a que tentativa de interpretação se refere D. Francisco Xavier de Menezes. Á de Fr. Manoel de Figueiredo, a que já alludi, e de que adeante dou noticia, não podem evidentemente applicar-se as palavras do illustre academico, porque a *Bibliotheca Sousana* foi impressa em 1737, e o trabalho do chronista cisterciense tem a data de 1767.

plares, junto das cartas a que me tenho referido, e d'outros documentos relativos ao calix. Um dos exemplares é apurado, sem emendas, e foi, porventura, o lido no certamen; o outro tem algumas correções e grande numero de notas á margem, parecendo ter servido de original ao primeiro, e, depois, de esboço do trabalho que D. Manoel Caetano de Sousa tencionava dar á estampa, e cujo plano communica a Fr. Manoel dos Santos numa das cartas adeante impressas.

Fundando-se não só no chronicon exarado no volume 202 da *livraria velha* de Alcobaça, mas tambem no genero dos esmaltes e na fórma dos caracteres da legenda, Sousa attribue o calix a D. Manoel, que o teria mandado fazer em 1505 ou 1506, do primeiro ouro das pareas de Quiloa, como a celebre custodia de Gil Vicente, e o haveria offerecido ao mosteiro em 1520, quando ahi levou seu filho, o cardeal D. Affonso. Quanto ás lettras, suppõe formarem seis versos latinos e a seguinte dedicatória:

«*Emanueli, Regi Regum, Emanuel, Lusitanicæ Rex, X.º Imperii*»;

ou :

«*Emanueli, Regi Regum, Emanuel Lusitanus, Regni XI.º*»;

ou, ainda:

«*Eucharistico Regi, Emanuel I, Rex Lusitanicæ, Regni X.º*».

Os versos propostos são estes:

«*Mens, homo, diffisum karta sub nube memento
Hic vitium dixit kavior illa tego
Ibis homo mihi fur, hinc kantus linge lauabit
Pax, lux, ignoto fugit homo, illa kaput.
Hunc de se qui flet, pomo quinlibet Jesus
Dux flenti kuris, sic homo de me tibi*».

Annos depois,—em 1767—, occupava-se da enygmatica inscripção Fr. Manoel de Figueiredo, que, por ordem do abbade geral de Alcobaça, Fr. Nuno Leitão, compoz um trabalho em que refuta os pareceres de D. Raphael Bluteau e do *curioso anonymo*, considerando o calix dadiva do cardeal D. Affonso, e interpretando assim as lettras:

As 33 das columnas que dividem os baixos-relevos da copa:

«*Monasterium Alcobatix in omni tempore verendum, in omni tempore virtuosum, in omni tempore vnanime, in omni tempore vtile erit, quia laudat et laudabit, in vigiliis, in orationibus noctis, Jesum, Virginem, omnes sanctos. Amen*»

As 27 do nó:

«*Emmanuel, rex noster et gubernator hujus monasterii Alcobatiæ, invocationis Sanctæ Mariæ Virginis, ordinis divi Bernardi, tempore infantie Alphonsi infantis komendatarii, jussit facere hunc kalicem, quinto nonas octobris.*»

As 110 da base:

«*Era Domini Nostri M C XXXXIV, quarto nonas Maii, Dominus Alphonsus, Lusitaniæ rex, fecit regnum suum feudatarium Beatæ Mariæ Virgini, oratorii Klaravalis, ordinis cisterciensis, fundati in Gallia, in diocesi Lingoniensi, per virtuosum Bernardum abbatem, nam hæc Virgo istud et illum liberavit ab hostili potentia Sarracenorum; et obtulit hoc feudum in vrbe Lamecensi, vbi erant multi proceres Lusitaniæ nostræ kongregati, ibi largiter vovit, in toto tempore existentie hujus monarchiæ Lusitaniæ, L morabitos ipsi Beatæ Virgini, ibi sub tutela Domine Nostræ posuit totum regnum suum, et ille sub tutela koronæ ipsius concepit tota bona Klaravalis, et generaliter aliorum omnium hujus ordinis, tunc existentia et in tempore venturo.*»

O trabalho de Fr. Manoel de Figueiredo encontra-se num dos volumes de pequenas composições e apontamentos seus, manuscritos, que se conservam na Bibliotheca Nacional¹, e intitula-se: — «*Reflexoens historicas em as quais se explicão as letras do calix precioso do Real Mosteiro de Alcobça. . . .*»

Não são, porém, estas engenhosas tentativas de interpretação das letras do calix que nos interessam hoje. São as cartas a que, mais de uma vez, alludi já, e que, pouco depois do certamen dos theatinos em honra de Santo André Avellino, trocaram D. Manoel Caetano de Sousa e Fr. Manoel dos Santos, chronista-mór da ordem de Cister e autor da *Alcobça illustrada*.

Essas cartas constituem, com outros documentos relativos ao calix, as folhas 10 a 46 do volume a que no inventario dos mss. da Bibliotheca Nacional de Lisboa coube o n.º 189², e que se intitula «*Memorias da congregação de Alcobça*», — não obstante conter peças referentes a outras corporações monasticas. Os documentos á cêrca do calix são os seguintes:

- a) Cartas de D. Manoel Caetano de Sousa a Fr. Manoel dos Santos e d'este áquelle (nove na totalidade, parecendo faltarem duas);
- b) Descripção do calix, por Fr. Manoel dos Santos;
- c) Certidões passadas em Alcobça, a 5 de Outubro de 1713, pelo monge notario Fr. José de Mendonça, uma da exactidão da cópia das

¹ N.º 1485, no inventario dos mss., fl. 9 a 24. Marcação antiga: —E-3-14.

² Marcação antiga: —A-5-13.



letras do calix, outra de dois trechos que os leitores já conhecem:— a memoria relativa á morte e serviços do cardeal-infante D. Affonso, e a verba do inventario de 1536, com a respectiva cota marginal de Fr. Paulo Brandão;

d) Lettras do calix:—duas transcripções, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e cópia de uma d'ellas, feita por D. Manoel Caetano de Sousa, ou, pelo menos, com indicações do seu punho;

e) Transcripção das letras, disposta em circulos concentricos,— trabalho de D. Manoel Caetano de Sousa;

f) Folhas enviadas de Alcobaça, uma indicando a altura do calix, e outra a circumferencia da bôcca;

g) Dissertação de D. Manoel Caetano de Sousa, á cêrca da intelligencia das letras do calix, em duplicado, sendo um dos exemplares accrescentado, como já observei, com grande numero de notas á margem.

Publico sómente as cartas, a descripção do calix, as duas cópias das letras, authenticadas por Fr. José de Mendonça, e a reproducção que attribuí a D. Manoel Caetano de Sousa.

As outras peças, ou são inuteis sob o ponto de vista da reconstituição mental do calix, ou ficam vantajosamente substituidas por esta introducção e pelas notas que acompanham as cartas.

(*Continúa*).

JOSÉ PESSANHA.

Necropole luso-romana nos arredores de Lagos

A cêrca de duzentos metros da cidade de Lagos, e junto á estrada real que conduz a Portimão, eleva-se o terreno, na extensão de alguns hectares, formando uma especie de achada com declive bastante doce para o mar e uma vista em extremo agradavel, quer do lado do norte, onde as ondulações se seguem umas após outras, até irem terminar nas duas grandes montanhas da *Foia* e *Picota*, quer do sul, em que o oceano se estende em toda a sua grandeza e magnitude. No sitio chamado o *Molião*, e em propriedade do Ex.^{mo} Sr. Cesar Landeiro, por occasião de uma plantação de vinha que este Sr. ali acaba de fazer, descobriu-se um verdadeiro cemiterio luso-romano, a julgar pelos artefactos encontrados.

Assistimos apenas á exploração de uma sepultura; affirmou-nos, porém, o mesmo Sr. que encontrára muitas outras identicas a esta.

As paredes eram formadas por *tegulas* collocadas verticalmente e em seguida umas ás outras; a pressão, porém, do terreno juntara-as